CORPO-CORREIO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PERFORMAR NARRATIVAS

Sofia Fransolin Pires de ALMEIDA[1]

Resumo:

Retomando alguns dos principais acontecimentos do evento *III Simpósio Repensando Mitos Contemporâneos*, este artigo propõe uma reflexão sobre a prática performativa *Corpo-Correio*, realizada no dia 30 de agosto de 2019 como conclusão da residência artística *Deslocar-se e performar com mulheres: reações e inspirações*, ministrada pela Profª Drª Veronica Veloso (Coletivo Dodecafônico - São Paulo/SP)

Palavras-chave: *Performance, narratividade, escrita-de-si*

Abstract:

From the main talks that occured on the *III Simpósio Repensando Mitos Contemporâneos*, this article intends to reflect towards the performance *Corpo Correio* (August 30th), developed during the workshop *Deslocar e performar com mulheres: reações e inspirações*, tutored by Veronica Veloso (Coletivo Dodecafônico - São Paulo/SP)

Keywords: *Performance; narrativity, self-write*

Se tá todo mundo grilado com o fim do mundo, vamos contar histórias, porque daí o fim do mundo espera, fica para depois - Ailton Krenak[2]

1 É mestranda do Programa de Pós Graduação em Artes da Cena - UNICAMP na linha de pesquisa Arte e Contexto. E-mail: sofia.fransolin@gmail.com

2 Fala proferida durante a Palestra de abertura do evento *III Simpósio Internacional Repensando*

O líder indígena Ailton Krenak profere essa frase na noite do dia 27 de agosto de 2019, na Casa do Lago (UNICAMP), em uma sala repleta de estudantes e pesquisadores das artes da cena. Krenak compartilhava com esse grupo um pouco de suas reflexões acerca de conceitos como comunidade, resistência, violência, narratividade e sobre a potência da arte como ferramenta para derrubarmos os muros construídos em nossa sociedade, muros esses que separam o terreiro do palco, a sabedoria da ignorância, criando dicotomias e antagonismos onde deveria existir diálogo, troca. Krenak apresentava em sua fala ideias para adiar o fim do mundo, nome do seu mais recente livro publicado[3], a partir de uma cosmovisão contra hegemônica. Entrelaçando em sua fala discurso e prática, o escritor, como contador de histórias que é, narrou momentos de sua vida. Também compartilhou com as/os presentes naquela noite canções e sabedorias de sua etnia (crenaque) principalmente no que concerne a relação com o outro e com o ambiente que ocupamos. Em um momento célebre, o ambientalista nos apresentou a música que os crenaques cantam para o Rio Doce[4].

Inicio a presente reflexão com uma das falas de Krenak, uma vez que compactuo com a ideia por ele proposta, se estamos vivendo um período de guerra de narrativas, em que se constroem mitos contemporâneos que sustentam em seus discursos relações belicosas, construindo muros invisíveis, e uma relação constante de desconfiança; onde a pós verdade, ancorada pela disseminação de *fake news* e discursos de ódio invadem o imaginário coletivo é urgente nos impormos em meio ao caos, que exijamos o direito de (re)existir a partir da criação de novas narrativas.

Como dramaturga, acredito no poder de transformação da palavra através da materialização do pensamento, seja de forma verbal ou escrita. Se a construção da história ocidental foi dada através da escrita (e sabemos a partir de qual ponto de vista) torna-se mais do que necessário um processo de reescritura desta história que se contraponha à "história única" (ADICHE, 2009) branca e masculina, dando voz às existências suprimidas, àquelas relegadas ao silenciamento e ao

---

Mitos Contemporâneos (27 de agosto de 2019).

3 KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

4 Krenak contrapõe em sua fala a ideia amplamente divulgada pela mídia e pelo Estado de que o desastre ocorrido em Mariana (2015) trouxe danos irreparáveis ao Rio Doce. Para a etnia crenaque, que depende do Rio para subsistência, assumir a morte do Rio é sentenciar a própria morte. Por conta disso os crenaques fazem vigília ao Rio cantando canções para que ele se recupere.

esquecimento.

É a partir dessas ideias propostas na fala de Krenak, que escolho fazer uma reflexão acerca da vivência artística com a Profª Drª Veronica Veloso, da qual fiz parte e que culminou na performance *Corpo-correio*, realizada por mim no dia 30 de agosto de 2019, como encerramento do *III Simpósio Repensando Mitos Contemporâneos*, promovido pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Cena, da Universidade Estadual de Campinas.

Também escolho traçar paralelos entre esta experiência artística e a Mesa *Memória* - ocorrida no dia 28 de agosto de 2019, composta pelas pesquisadoras Stela Fischer e Margareth Rago que abordou, a partir de um viés feminista, a questão da memória individual e coletiva. Tanto a palestra de Abertura com Ailton Krenak quanto a Mesa *Memória*, não somente compactuam ideias entre si como também dialogam diretamente com a idealização e realização da performance *Corpo-correio*.

Como colocou Rago, quem não tem história não tem cidadania (2019)[5], nosso processo de devir mulher – termo cunhado pelo filósofo Deleuze e utilizado por Rago durante sua fala – está ligado a construção de nossas próprias narrativas, narrativas estas que "escapam às estratégias moleculares do poder, às sofisticadas tecnologias biopolíticas de produção da individualidade na "sociedade de controle" (DELEUZE, in. RAGO, 2013, p.29).

A partir das ideias propostas por outra pesquisadora, Nelly Richard, Margareth Rago (2013) propõe que a concepção e prática de gênero está ancorada por um sistema de signos que articulam processos subjetivos através de formas culturais. Sendo assim, "Compreender que esse sistema de imagens, representações e signos compõem o pensamento da lógica discursiva da identidade social dominante é fundamental para que os feminismos possam transformá-lo e abrir novas possibilidades de ser." (RAGO, 2013, p.31).

O processo de descolonização de nossa construção identitária é contínuo, nossas histórias enquanto mulheres, assim como nossas memórias, são fragmentadas e, em maior ou menor nível, compostas por processos de violência, objetificação, sexualização e opressão. Não menos importante, é necessário

5 Livre adaptação de fala proferida por Margareth Rago durante a mesa Memória (28 ago. 219).

reafirmar que são histórias escritas por terceiros (quando escritas) em que não detemos o protagonismo de nossos feitos, num processo contínuo de silenciamento que se perdura há milênios.

Complementando a fala proferida por Rago e trazendo a discussão para o campo artístico, Stela Fischer apresentou algumas das *performers* Latino-americanas que estudou durante seu doutorado[6], ancorando seus fazeres artísticos à críticas em relação à sujeição de seus corpos, à violência sexual, ao abuso e ao feminicídio. Nomes como Violeta Luna, Petrona de la Cruz Cruz e o Coletivo Rubro (do qual a pesquisadora faz parte), foram algumas das referências citadas por Fischer. Todas são artistas que trabalham, de um modo ou de outro, sobre a questão da memória, num processo de reconstrução dos vazios, dos hiatos confiscados pelo poder hegemônico[7]. Fischer enxerga o resgate dessas lacunas dentro da história das mulheres como um processo emancipatório, de descolonização de si.

Esse compartilhamento de referências de mulheres *performers* se estendeu para a residência artística com Veronica Veloso, do Coletivo Dodecafônico (São Paulo - SP). No caso específico da residência, Veloso escolheu por compartilhar performances em que mulheres abordavam em seus atos a relação do corpo feminino no espaço, especialmente. A partir de *Body Conjurations* da *performer* austríaca VALIE EXPORT – performance na qual a artista se relaciona com a arquitetura de grandes centros urbanos, produzindo fotos onde seu corpo dialoga diretamente com as linhas e recortes imagéticos do espaço – adentramos o universo das performances, transpondo para o *campus* da Universidade Estadual de Campinas o exercício de criar diálogos com o espaço através do corpo.

Primeiramente, foi realizado um exercício individual de identificação de espaços e após uma seleção de uma sequência de locais, assim como de um trajeto a ser realizado, testamos compor imagens coletivas no/com os espaços por onde passávamos.

Após este primeiro exercício prático, fomos apresentadas a diversas outras

6 FISCHER, Stela Regina. Mulheres, performance e ativismo: a ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana. 2017. Tese (Doutorado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.27.2017.tde-01062017-093806. Acesso em: 2019-10-08.

7 Livre adaptação da fala proferida por Stela Fischer na mesa Memória (28 ago. 2019).

performers. O objetivo era que elas nos servissem de inspiração para a criação de um "programa performativo" próprio (FABIÃO, 2013). Veronica nos apresentou três conceitos que poderiam advir da reação à essas performances:

- Transposição: Ato de *performar* o material de referência sem filtro, tal qual ele foi feito, como uma citação;
- Transformação: Usar o material de referência como inspiração poética e estética para outra criação, uma criação própria;
- Montagem: Sobrepor, criar em camadas, tal qual uma montagem cinematográfica, a partir da (s) performance (s) referência.

A ideia era que nos apropriássemos desses procedimentos/dispositivos desenvolvidos por outras artistas para desenvolver nosso programa performativo. Em todas as performances apresentadas como referência, a relação do corpo feminino cisgênero com o espaço e com outros corpos era bastante evidente.

Escolho dissertar brevemente sobre duas das *performances* que me serviram de inspiração para a criação do meu programa: *Corpo-Correio*. A primeira ação é da brasileira Eleonora Fabião, nome referência quando falamos sobre performance no Brasil e traz fortemente a questão da memória e da história. Já a segunda, da austríaca VALIE EXPORT, realizada em Viena (1968) propõe uma discussão acerca da representação do corpo feminino cisgênero na arte.

Saudades do Brasil - Eleonora Fabião (2009)

Nesta *performance* a artista brasileira usava das fotografias presentes em *Saudades do Brasil*, livro em que Claude Lévi-Strauss registrou via imagem os índios da etnia *nambikwara* do estado do Mato Grosso, na década de 1930.

A ação de Fabião, realizada em Fortaleza (CE) em 2009, consistia em abrir o livro em espaço público, deixar a página aberta com a imagem à mostra, colocar-se na mesma posição do indígena fotografado e permanecer nesse estado por

algum tempo, como exemplifica a foto a seguir.

Fig.1: Performance *Saudades do Brasil*, Eleonora Fabião, 2009. Foto: Vitor Furtado
Disponível em: <https://www.pipaprize.com/pag/artists/eleonora-fabiao/3-fabiao/>
Acesso em:2019-09-23

TAP and TOUCH Cinema - VALIE EXPORT (1968)

Para a realização da *performance Tap and Touch Cinema* VALIE EXPORT desenvolveu uma espécie de "micro-caixa-preta" a qual vestia como uma blusa. Então, a artista convidava o público a colocar as mãos através da cortina. Lá, seus seios nus eram tocados. EXPORT cronometrava 33 segundos, tempo que o toque deveria durar, e depois saía em direção a outro transeunte. A performance questionava a relação de objetificação do corpo feminino cisgênero e a retratação sexualizada da mulher na arte, mais especificamente no cinema, ao inverter a lógica de submissão deste corpo. Na performance é a própria mulher que expõe-se ao outro, sendo agente controladora da ação, ainda que o ato de se deixar ser tocada implique em uma relação de vulnerabilidade perante o outro.

Fig. 2: Performance *Tap and Touch Cinema*, Valie Export, 1968
Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/32075/1/how-genital-stroking-became-an-act-of-feminist-rebellion> Acesso em: 2019-09-23

De Fabião, apropriei-me do trabalho com a memória, a história e a saudade. Porém, diferentemente da artista que usa desses conceitos para abordar um grupo social, a partir de uma perspectiva coletiva (por mais que a *performer* mimetizasse fotografias de indivíduos, tanto o título da obra – *Saudades do Brasil* – quanto o fato de se tratar de um livro de imagens que registravam um grupo/etnia, remetem à uma coletividade), escolhi seguir por um viés mais individual e particular, trabalhando com as memórias, histórias e saudades pessoais dos indivíduos-espectadores. Agreguei a esse desejo a ideia de exposição consciente e voluntária do corpo – presente na performance de VALIE EXPORT. Meu corpo, um corpo feminino cisgênero e branco. Invertendo a lógica do senso comum de que nossos corpos são públicos, e que por ele não detemos poder algum, quis colocar-me exposta e tornar meu corpo objeto por escolha própria, consentindo que o público o usassem como material para suas escrituras pessoais.

Tomando essas duas imagens iniciais, criei a performance *Corpo-correio*, cujo programa performativo se apresentou da seguinte maneira:

Corpo Correio - Troco saudades por segredos e segredos por saudades - Sofia Fransolin (2019)

- A performer se encontra de pé, com o máximo de pele exposta.

- Aos seus pés, encontram-se duas pilhas de bilhetes. Uma contém segredos e a outra saudades. Na frente da performer, um cartão com os dizeres: "Corpo-correio – Troco saudades por segredos e segredos por saudades". Também estão disponíveis diversas canetas que desenhem na pele humana.

- O corpo da performer está exposto como tela branca, disponível para que as pessoas compartilhem saudades e segredos pessoais.

- Ao final da escrita, a performer presenteia o indivíduo com um de seus bilhetes. Se a pessoa dividiu um segredo, a performer oferecerá uma saudade e vice-versa.

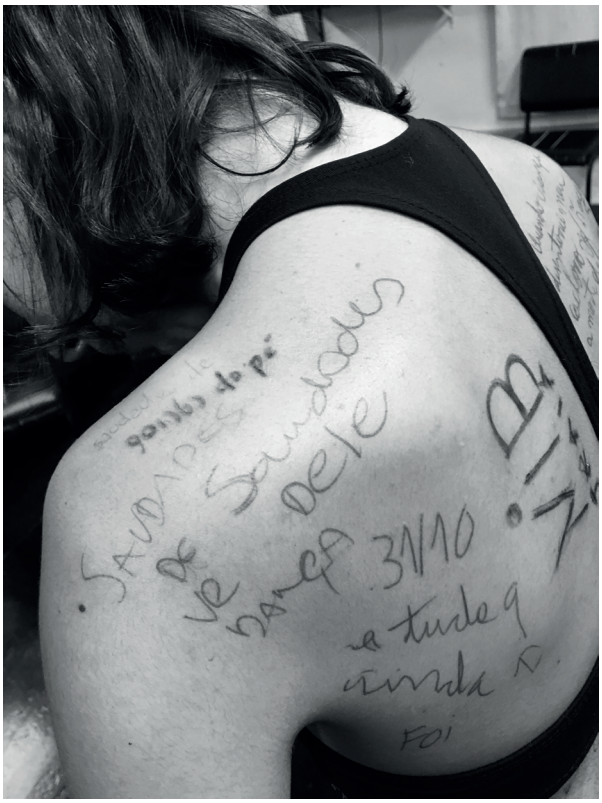

Fig. 3 Performance *Corpo-correio*: Foto: Juliana Calligaris
Arquivo pessoal.

A ideia de *Corpo-Correio* vem de encontro com a minha posição enquanto mulher e escritora diante do mundo, compactuo com Margareth Rago quando coloca em seu livro *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* que "escrever, observa Artères (1998), é inscrever-se, é fazer existir publicamente, o que no caso das mulheres assume uma grande importância, já que o anonimato caracterizou a condição feminina até algumas décadas atrás" (RAGO, 2013, p. 32). De fato, o exercício de escrita foi historicamente negado às mulheres, isto porque o ato de escrever está diretamente ligado à detenção de poder, sobre este assunto o filósofo e historiador Losandro Tedeschi explana:

> Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista. (TEDESCHI, 2016, p.155)

Assim sendo, tomar as rédeas de nossas próprias histórias – contrapondo o mito da "história única" e do universalismo branco e masculino – propondo narrativas diferentes, que agreguem, mas também questionem o que nos foi posto como oficial é um exercício de emancipação constante. Exercício que também prevê, em seu processo, questionamentos internos e revisitações de si.

Reitero o processo de questionamento e revisitação de si visto que meu corpo feminino não contempla e jamais contemplará a existência plural das mulheres. Ele é mais um corpo presente e contextualizado em diversos recortes histórico-sócio-culturais que se dispôs, naquele dia 30 de agosto, a contar a sua história.

Considero importante a prática de subjetivar a experiência, de individualizar o processo artístico, pois assim permito um espaço de troca verdadeiro, de diálogo entre vivências diferentes. Ao invés de me colocar como porta voz da "mulheridade" (o que seria apenas mais uma reprodução da estrutura universalizante. A mesma que, ao invés de assumir as diferenças, e compreender o que nelas gera desigualdade, insiste em afirmar que existe uma pressuposta igualdade entre

todxs, perpetuando o processo de invisibilização de algumas dessas existências), disponho-me a apresentar a minha história e ouvir a do espectador.

Desta forma, o jogo de contar histórias estabelece uma via dupla de troca e exposição entre *performer* e público. Por um lado eu escolho por escrever pequenos bilhetes contanto fragmentos da minha história, expondo-me, mas também permitindo-me ser ouvida, expurgando de mim pesos que já não me cabiam. Por outro lado, cedo meu corpo para carregar outras histórias que até então alheias a mim, agora me constituem, tornam-se marcas na minha pele.

Em *Corpo-correio* o corpo feminino não se doa em vão. A ideia historicamente difundida de que a existência mulherio é de servidão, doação e auto anulamento é colocada em questão quando me disponho como material, objeto de escrita, a partir da condição de exercer uma troca igualitária.

A performance também metaforiza o trabalho com a escrita como eu acredito processá-lo: um acúmulo psicofísico de narrativas, reais e ficcionais, interpessoais e intrapessoais, que, a partir do momento que agrego ao meu processo, tornam-se constituintes da minha existência. Em suma, *Corpo-correio* é a metaforização da presentificação de diversas existências em um corpo só.

Ao trabalhar com segredos e saudades, escolho adentrar um universo bastante delicado de cada indivíduo. E as respostas a essa proposta foram as mais diversas possíveis. Desde palavras soltas em minha escápula, peito do pé e abdómen, até frases completas, pequenos causos e reflexões. O anonimato que a performance propunha em sua estrutura, uma vez que eu não assistia à pessoa escrevendo em mim, assim como ela não lia em voz alta o meu bilhete, gerava um espaço de cumplicidade entre *performer* e público e permitiu que os espectadores, majoritariamente mulheres, compartilhassem histórias densas e bastante pessoais.

Após quebrar-se a barreira da exposição do corpo feminino – os espectadores, *a priori*, demonstravam-se bastante envergonhados em escrever na minha pele e procuravam partes do meu corpo as mais "públicas" possíveis (costas, braços e a parte inferior da perna foram amplamente escritas, enquanto que barriga, coxa e colo permaneceram basicamente intocados) – era desenvolvida uma breve relação de cumplicidade. Acredito que mostrar-me fisicamente exposta e vulnerável à ação de terceiros proporciona uma espécie de confiança para a exposição memorial do

espectador.

Concluindo, penso que a reescritura da história deveria passar pelo lugar da sutileza. Dos pequenos causos em contraponto aos grandes feitos, dos detalhes e recortes ao invés das narrativas completas e fechadas, dos fragmentos e não da história finalizada. Reescrever nossa história, reconstruir nossas memórias, é um exercício inacabado e em constante transformação e a via da narrativa pessoal e da ficcionalização de si que a arte, e neste caso, a *performance* propôs parece ser um terreno fértil para arar existências diversas.

Referências:

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. Trad. Erika Barbosa. Conferência Anual - TED Global 2009: A essência das coisas não visíveis, 21 a 24 jul. 2009, Oxford, Reino Unido. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> Acessado em: 17 set. 2019.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo-em-experiência. ILINX - Revista do LUME, Campinas - SP, n. 4, dez. 2013. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276/256>. Acesso em: 18 set. 2019.

EXPORT, VALIE. TAP and TOUCH Cinema. [s.d] Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/109931>. Acesso em: 18 set. 2019.

FISCHER, Stela Regina. Mulheres, performance e ativismo: a ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana. 2017. Tese (Doutorado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.27.2017.tde-01062017-093806. Acesso em: 23 set. 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas -SP: Editora da Unicamp, 2013, p. 29-31

TEDESCHI, Losandro. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. Raído,

Dourados, v.10, n.21, jan./jun. 2016.

TODD, Monique. How genital stroking became an act of feminist rebellion. 14 jul 2016. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/32075/1/how-genital-stroking-became-an-act-of-feminist-rebellion> Acesso em: 18 set. 2019.